



centro de cultura social

boletim informativo do centro de cultura social ano LXXI, nº 19, 1º semestre/2004.
sede: rua inácio de araujo nº 191A, sobreloja, metrô bresser. correspondências: caixa postal 2066, sp/sp, cep 01060-970.

Os anarquistas voltam para o “Brás”...

“A anarquia é o ideal que poderia não se realizar nunca, assim como não se alcança nunca a linha no horizonte que se distancia tanto quanto se avança em sua direção; o anarquismo é modo de vida e de luta e deve ser, pelos anarquistas, praticado hoje e sempre”.

E. Malatesta, *Umanità Nova*, 27/04/1922.

É com muito prazer que damos as boas vindas à nossa nova sede no bairro do “Brás”. As aspas são para enfatizar pois na realidade há um certo simbolismo nisso: durante décadas o grupo anarquista ligado ao Centro de Cultura Social foi conhecido como os “anarquistas do Brás”. Em 1985 quando o Centro de Cultura retomava suas atividades após quase duas décadas de silêncio forçado, a revista “Isto É” anunciava que o “antigo bairro popular dos imigrantes italianos em São Paulo, e reduto dos movimentos operários do início do século, o Brás [...], voltou a abrigar, o combativo Centro de Cultura Social (CCS), uma das raras organizações anarquistas do país que sobreviveram aos últimos 21 anos. Instalados em duas modestíssimas salas da rua Rubino de Oliveira no mesmo local em que funcionou até 1968 -, o CCS pode agora desfraldar livremente a sua histórica bandeira vermelha e preta. [...] Nossa meta, dizia Jaime Cubero aos 58 anos, é resgatar e difundir os valores libertários (“Como nos Velhos Tempos”, Isto É, 17/04/1985).

Apesar do Brás não ser mais “um reduto anarquista”, a meta do CCS ainda continua sendo o resgate e a difusão dos valores libertários. O Centro de Cultura continua sendo um dos lugares de memória e de resistência anarquista... lugar de prática dos valores anarquistas, lugar onde esses valores são retomados no presente, onde eles podem ser re-atualizados; numa palavra, lugar para se correr o risco da liberdade e de se colocar em risco a própria liberdade.

Como todo lugar de memória, o Centro de Cultura possui também os seus “homens e mulheres memória”. São genealogistas e arqueólogos que se dedicam a essa arte de lembrar quase que instintivamente, porque “A anarquia é o ideal que poderia não se realizar nunca, assim como não se alcança nunca a linha no horizonte que se distancia anarquismo é modo de vida e de luta e deve ser, pelos anarquistas, praticado hoje sempre”. E. Malatesta, *Umanità Nova*, 27/04/1922. cotidianamente e ardorosamente. Gostaríamos de

dedicar esse novo espaço eles: ao Virgilio da Loca e Anita Aldegheri, à Diego Gimenez Moreno, ao casal Francisco Cuberos Neto e Maria Gimenez Martinez e à Maria Aparecida Cubero. A essas pessoas gostaríamos de oferecer nossa especial acolhida. Uma forma singela mas muito carinhosa de homenageá-los.

Neste semestre foi programado um ciclo temático sobre “Teatro e Política”, que contará com uma experiência de leituras e recitações poéticas de conteúdo crítico-político sob a coordenação de Alberto Centurião, que também fará uma conferência com o título “Teatro e Liberdade: uma abordagem da arte teatral e seu potencial liberador”; outra conferência fecha o ciclo: “Antonin Artaud e o Teatro da Crueldade” com “Bia” Tragtenberg. Para maiores informações consulte a seção “Programação” ou entre em contato :ccssp@uol.com.br - www.ccssp.hpg.com.br. Saúde e abraços libertários! Comissão Administrativa.

1964-1984: Quarenta anos mal passados

Neste 31 de março, véspera do dia da mentira, completou-se o quadragésimo aniversário do golpe militar de 1964. Lembrar esse período tem a mesma importância lembrar a ascensão do nazi-facismo na Europa: Lembrar para resistir... O que se passou não pode ser esquecido. Principalmente quando vemos ACM's, Maluf's, tantos outros circulando leves, soltos



NILTON

e aplaudidos por entre nós.. O recorde de permanência de uma normalidade democrática desde a reabertura, 20 anos atrás (1985), superando o período Gaspar Dutra-Jânio Quadros (1946- 1963), e o fim da guerra fria, colaboram para essa falsa sensação de estabilidade política e solidificação das instâncias democráticas brasileiras. Hipótese a nunca ser descartada, e sempre possível retorno, deve-se tomar cuidado ao abordar esse assunto para não dar gravidade acima do merecido, como rumores de botas nas casernas fossem audíveis na rua. indignição ao tema variavelmente acaba em queixumes condolências, ou desvarios de pavor, fazendo mais lacrimar que conscientizar seus ouvintes. Deve-se também evitar confusões. Quando se condena os regimes de exceção não ocorre necessariamente a validação automática do regime democrático como contrapartida . Afirmar que há o perigo iminente de algo do mesmo porte ocorrer novamente no atual ou próximo momento não condiz com os ditames da nova ordem mundial. Intervenção por arregimentação militar é um recurso extremo e óbvio demais para ser utilizado de maneira tão despuddorada como outrora. Sua utilidade também seria bastante questionada. Não enquanto houver formas mais sutis e eficazes. Uma sociedade, se não de bom grado ao menos com seu consentimento, que dá cada vez mais abertura a dirigismos e intervenções de mecanismo legais e democráticos de domínio. Práticas invasivas, do patrulhamento aos tabagistas e pornógrafos amadores às invasões policiais das favelas em resposta à paranóia do medo da violência e criminilidade estão sendo paulatinamente levadas a aprovação geral . Dá-se assim sortimento e permissão a uma crescente ação das forças de segurança, em todas as suas instâncias, da polícia na rua ao controle de aeroportos, do patrulhamento nos locais de trabalho e serviços públicos ao trânsito na internet. Uma política de medo e o discurso em prol da segurança nacional emergido à tona com o 11 de setembro, de fato, dá condições reais ao estabelecimento de um novo regime de exceção. Eis a ditadura envergonhada, escancarada e acima de tudo, dissimulada, atual, presente e possível!

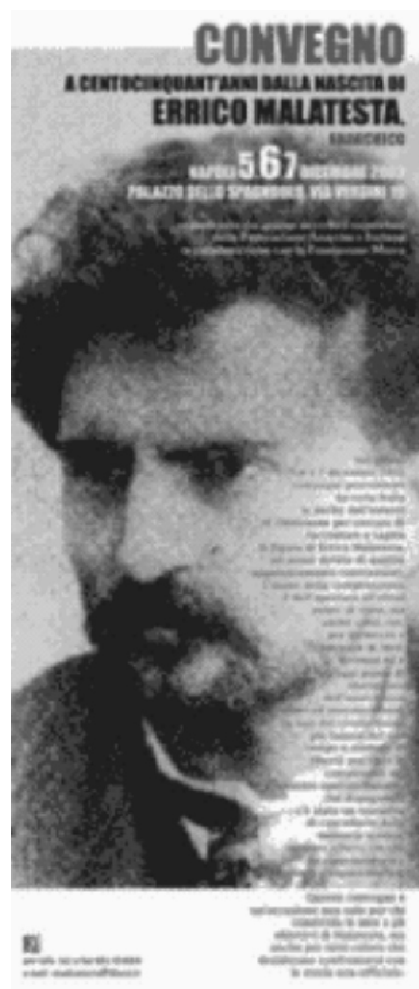
Nilton Melo

Notícias

Nápoles: três dias de convênio sobre Malatesta Em direção à anarquia hoje, amanhã, sempre O Palácio do Spagnuolo, no coração do popular bairro da Sanità, destaca-se pela elegância do recente restauro. Ao se chegar, através da agitação das barracas ambulantes da via Vergini, parece como um lugar quieto e ameno, apto a prazerosas conversações entre as tantas nobres dependências. Aqui, por três dias, desenrolou-se o convênio dedicado a Errico Malatesta pelos 150 anos de nascimento. Embora as vezes os rumores, os odores e as sugestões da estrada fizessem interrupções na

sala dedicada ao debates, atmosfera foi aquela agradável, caracterizada pelos diálogos feitos sem direção precisa que brotam do simples prazer que os provoca e que representam para quem deles participa uma riqueza consistente como escreveram os organizadores no texto de apresentação no “iniciar um exercício dialógico no qual se experimenta as atuais possibilidades do pensamento malatestiano”. O encontro foi também agradável nos relatos e debates, muito estimulantes e interessantes, não obstante alguns imprevistos de mudança no programa. Intensos momentos espetaculares representaram uns dos temas fortes dos três dias: recordamos, entre outros, a envolvente performance Anna Redi “A Errico”, as canções de Daniele Sepe, tammorriata [forma musical folclórica], os cantos anarquistas de Alessio Lega, por fim a canção anárquica japonesa com qual Misato Toda

encerrou a sua intervenção. O convenio, que registrou uma grande presença público da cidade napolitana, reuniu durante os três dias cerca de duzentas pessoas, das quais pelo menos setenta eram sempre presentes na sala. É um sinal inequívoco interesse pela vida e o pensamento de Errico Malatesta, anarquista italiano que mais contribuiu a acionar diversos percursos intelectuais e, sobretudo, a inspirar práticas políticas e sociais que caracterizam ainda hoje o anarquismo social e organizador. A “atualidade” de um anarquista se verifica nos



estímulos que este propõe à nossa reflexão: isto é certamente verdadeiro para o nosso Malatesta, mas seria também restringir sua aventura humana a um mero itinerário intelectual, pois essa aventura malatestiana foi sempre “vida ativa” constantemente caracterizada pela tensão no agir. práxis revolucionária é o exercício no qual se forjam as idéias de Errico Malatesta, da qual a constante propaganda necessidade de coerência entre meios e fins se traduz em continuo esforço de introduzir o

método na realidade. As diversas relações, também na grande variedade das sugestões e dos ângulos interpretativos, estão todas mediadas pela concreta presença de um companheiro que, sempre, é confrontado com a vida política social de seu tempo, terminando por representar um ponto de referência importante para maioria do movimento anárquico. Ainda que a ciência da interpretação seja, constitutivamente, o lugar no qual o interprete tende a traçar mais um auto-retrato que um retrato, em numerosos relatos os estímulos a uma reflexão sobre o percurso malatestiano souberam a c i o n a r u m debate interessante e precursor de desenvolvimentos. Mais de um relator tornou claro grande parte do esforço empreendido por Malatesta para fazer do anarquismo uma utopia concreta e não um mero horizonte normativo. Por outro lado a vitalidade do ensinamento malatestiano é medido cotidianamente pela sua capacidade de enervar com estímulos e sugestões o agir concreto dos anarquistas de hoje, que no refuto de todo determinismo, na consciência do papel da vontade, no impulso ético para construir uma sociedade livre para todos e para cada um sabem, como escreve Di Lembo no seu relato, que “a anarquia não pode vir mais que pouco a pouco, crescendo gradualmente de intensidade e em extensão. Não se trata portanto de fazer a anarquia hoje ou amanhã ou daqui a dez séculos; mas de caminhar em direção à anarquia hoje, amanhã, sempre”. Sobre a colina de frente ao golfo de Nápoles, no ar frio de dezembro, a digna conclusão da iniciativa napolitana se transforma numa vivaz festa com música, comida e vinho. Mort, Umanità Nova, nº 42, 21/12/2003 [tradução de Nildo Avelino].

Tudo como havia de ser

Parece que foi ontem; 22 anos desde sua fundação, 15 anos desde sua primeira investida ao poder executivo de grande porte ,com Luiza Erundina, o Partido dos trabalhadores finalmente chega ao palácio do Planalto. Levou consigo a esperança dos sofreadores, crédulos de que tudo parecia dizer que desta vez iria dar certo. Deu no que deu!

Mas afinal o que deu de errado?

Na verdade devemos perguntar como é que deu certo.

Aquela política folhetinesca de 81 a 86, cheia de bravatas não teria sustentação no atual quadro político. Independência, moratórias, câmbio controlado, reservas de mercado, protencionismo econômico, estatizações, se mostravam pouco reverberantes para uma platéia, no caso o colégio eleitoral brasileiro, pouco afeito a discurso de porta de fábrica. Lula foi realmente um líder de popularidade inegável. Dono das cadeiras de seu partido, já estávamos costumados com sua insistência em ser candidato a presidente da republica. Era o acalento da pueril democracia brasileira ver traços de pluralidade em um embate

direita-esquerda em eleições majoritárias. A formação do mito do ex-operário de fala rude e riso fácil tornar-se chefe de Estado transformou a ilusão de seus seguidores em um jogo de calculismos minuciosos que podia vingar e tudo foi feito para isso. Do afinamento do discurso ao enxugamento da participação direta das bases do partido no partido. Da depuração ideológica das correntes mais a esquerda ao centralismo das instâncias diretivas. Foi executado a transformação do discurso daquilo que teoricamente poderia ser para aquilo que não havia outra forma de não ser: um típico partido populista, sem participação democrática direta, dono de um palavreado hipócrita, centrado em uma liderança mítica. Vê-se por exemplo durante a campanha para o plebiscito sobre qual forma de governo a adotar-se no Brasil em 1993. O PT empenhou-se numa campanha pelo presidencialismo, em contrário de um parlamentarismo mais condizente com o programa de seu partido, na esperança (ou certeza) de gozar de um poder executivo forte ocupado pelo PT futuramente. Dito e feito! Daí para almoços com executivos do FMI, execução das reformas fiscais, partidária e revidenciária, dar de ombros para a reforma agrária, alianças com o PL, PTB, PMDB, inclusão do Brasil no alinhamento político-econômico do G7, ao contrário de ser uma prática esquizofrênica de seu passado já devidamente abjurado é a mais clara demonstração de coerência do seu projeto vitorioso de chegada ao poder. Resta a nós, em resposta ao coro “Deus salve o Rei”, emendarmos “O Rei está nu!”. Com sorte poderemos clamar num breve futuro: “O Rei está Morto!”

Biblioteca “Antônio Martinez”

Registramos as seguintes entradas de materiais:

Recebido de Edgar Rodrigues:

RODRIGUES, E. **Socialismo síntese das origens edoutrinas**, 2ª ed., 2003, Ed. Porto Aberta.

Recebido de Diego Gimenez Moreno:

CeNiTi: organo de la CNT-AIT. Volume encadernada do nº01 ao 121.

CNT: Organo de la confederación nacional del trabajo.Espanha. Volume completo e encadernado de 1992 à 2002.

CNT: Organo de la confederación nacional del trabajo.Espanha: nºs 792, 799, 801, 804, 805, 806, 807, 808.

Le combat syndicaliste: nºs 499, 503, 572.

Tierra y libertad: nº 208, ago. 1960.

História da imigração no Brasil: as famílias.

Recebido de Margareth Rago:

Anarchy: a journal of desire armed. Vol. 14, nº 01, nº 39,1994.

Capitulo Oriental. La história de la literatura uruguaya. Nºs 02, 13, 16.

El Libertário: Organo de la Federación Libertária Argentina (FLA): nºs 01 jan/1985 à o nº 44 abr-mai/1999.

Solidaridad Obrera: Órgano de la Confederación Regional del Trabajo de Catalunya: nºs 284, 285, 288, 289.

Lucha libertaria: organo de la federación anarquista uruguaya. II época nº 02, nov/1994.

Rivista anarchica. Milão: nºs 1995 nº 222; 1996 nº 228; 1997 nºs 233, 240; 1998 nºs. 247, 248; 1999 nºs. 251, 254, 255, 256.

Studi Sociali: Rivista Bimensile di libero esame.
Redator: Luigi Fabbri: Ano I, 1930: nºs. 1 a 8; Ano II, 1931: nºs. 9 a 16; Ano III, 1932: nºs. 17 a 22; Ano IV, 1933: nºs. 23 a 28; Ano V, 1934: nºs. 29 a 36; Ano VI, 1935: nºs. 37 a 40. *Redator: Luce Fabbri:* Ano VI, 1935, Série II: nº. 1; Ano VII, 1936, Série II: nº. 2, 3, 4; Ano VIII, 1937, Série II: nº. 5, 6, 7, 8; Ano IX, 1938, Série II: nº. 9, 10, 11, 12; Ano X, 1939, Série II: nº. 13, 14; Ano XI, 1940, Série II: nºs. 15, 16; Ano XII, 1941, Série III, nº. 1; Ano XIII, 1942, Série III, nº. 2; Ano XIV, 1943, Série III, nº. 3; Ano XVII, 1946, Série III, nº 5.

IL Pensiero: Rivista quindicinale di sociologia, arte e letteratura. Redator: Luigi Fabbri e Pietro Gori. Coleção composta de 7 volumes: vol. I ano 1903, vol. II ano 1904, vol. III ano 1905, vol. IV ano 1906, vol. V ano 1907, vol. VI ano 1908, vol. VII ano 1910 à 1912.

Reconstruir: Revista Libertária. Buenos Aires/Montevideo: 1959, nº 1; 1964, nºs. 32, 33; 1965, nºs. 34, 35, 36, 37, 38, 39; 1976, nºs. 100, 101.

Tierra Amiga: Redes - Amigos de la Tierra. Uruguay: 1992, nº 3, 4, 5, 7, 9; 1993, nºs. 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20; 1994, nºs. 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 30, 35.

Revista Utopia. Lisboa: 1995, nº 2; 1996, nº 3.

Recebido do NU-SOL:

VERVE: Revista do Núcleo de Sociabilidade Libertária, nº 4, out/2003. Pacote de 20 exemplares.

Recebido de Alberto Centurião:

CENTURIÃO, A. **Ombudsman:** a face da empresa cidadã: como e porque instalar uma ouvidoria. São Paulo, 2003.

Recebido de Carlos Magno di Natale:

Os economistas: coleção composta de 27 volumes.

Recebido de Fabrício Martinez/Ana Salles:

CIMAZO, Jacinto. **Escritos libertarios.** Buenos Aires, Editorial Reconstruir, 1989. PEREZ, Pablo M. (coord.). **Catálogo de publicaciones políticas, sociales y culturales anarquistas 1890-1945.**

Buenos Aires, Reconstruir, 2002.

GUÉRIN, Daniel. **El anarquismo.** Buenos Aires, Anarres, 2003.

ROCKER, Rudolf. **El camino de pasion de Zensl Müsham: trece años prisionera de Stalin.** [s.l.], Ediciones S.A.I., [S.d.

teatral e membro do CCS).

Declamação de poesias de conteúdo crítico-político. *Haverá também a divulgação dos ganhadores das cestas de livros postas a rifa (uma de conteúdo histórico e a outra econômico, cada qual com 7 exemplares) e também o leilão com 9 exemplares raros de publicações anarquistas do início do século XX)*

05/06, 16h - Teatro e Liberdade - Palestra por *Alberto Centurião.*

A arte teatral e seu potencial liberador.

19/06, 16h - Antonin Artaud - Palestra por *Beatriz Tragtenberg* (atriz e diretora teatral e membro do CCS).

Um olhar sobre o teatro da crueldade e seu autor.

07/08, 16h - Apresentação da Revista

Seminários - Debate sobre número 3 da Revista Seminários, "Movimento Anarquista e o DEOPS" (no prelo).

Ciclo "anos de golpe"

14/08, 16h - O Golpe de Estado - 40 anos depois - Palestra por *Evaldo Amaro Vieira* (USP)

21/08, 16h - Messianismo e repressão política no Brasil dos anos 70 - Palestra por *Christina Lopreato* (UFU/MG)

28/08, 16h - Lembrar é resistir Conversações sobre ditadura com *Analy Alvarez* (diretora da peça homônima representada no antigo prédio do DEOPS).

11/09, 16h - O Teatro contra a ditadura- Debate com *Izaías Almada* (escritor, dramaturgo e ator teatral, autor do livro "Teatro de Arena, uma estética da resistência").

Ciclo "Contra o parlamentarismo!"

02/10, 16h - Democracia Representativa em Questão - Palestra por *Antonio Valverde* (PUC/SP)

16/10, 16h - Democracia e Anarquismo na polêmica Merlino-Malatesta. - Palestra por *Nildo Avelino* (CCS)

Ciclo "existências anárquicas"

06/11, 16h - Recordando Jaime Cubero - Por *Edson Passeti* (NU-SOL/PUC-SP)

13/11, 16h - Recordando Maurício Tragtenberg - Por *Evaldo Amaro Vieira* (USP)

20/11, 16h - Recordando Antonio Martinez - Por *José Carlos Morel* (CCS)

Programação

Ciclo "Teatro & Política"

29/05, 16h - Leitura e Declamação de poesias - Coordenação de *Alberto Centurião* (autor e diretor